

N

a
CaravanaN.º avulso € 0,90
Assinatura anual € 9,00

Trimestral - Director: P. Frei Francisco Sales Diniz, O.F.M.

3ª Série - Ano XIX - nº 87, outubro / dezembro 2017

NATAL EM VIANA DO CASTELO

Pelo 5º ano consecutivo, o Secretariado Diocesano da Mobilidade Humana de Viana do Castelo organizou uma festa de Natal cigana para as crianças do acampamento de Darque, Viana do Castelo, em 16 de dezembro.

Os meninos estavam muito contentes, dançando e cantando. E, como habitualmente, houve distribuição de brinquedos e de produtos de higiene aos mais pequenos e de material escolar e agasalhos aos mais crescidos. No final, foi oferecido um lanche, oferta da Diocese, complementado por iguarias trazidas por voluntárias. A Junta de Freguesia de Darque associou-se à festa e ofereceu guloseimas e balões. Foram momentos de alegria. A Vereadora do pelouro de Ação Social da Câmara Municipal de Viana do Castelo, que dias antes recebeu o Secretariado,

Corregio, *Nossa Senhora Cigana*

levou à reunião de Câmara a proposta de uma verba para ajudar a custear as despesas com a festa, o que nos incentiva a continuar este trabalho de apoio a quem muito pouco ou nada tem e para quem estes momentos são para estas crianças e famílias um sinal de que há pessoas preocupadas com a situação precária em que vivem.

Este ano esteve também presente a comunidade de Alvarães, que este Secretariado tinha visitado há algum tempo, tendo manifestado vontade de os seus meninos participarem na festa; gostaram muito.

A festa contou com a ajuda dos voluntários da OVAC (Obra Vicentina) e da Cáritas. A Junta de Fre-

guesia de Darque esteve também presente tendo colaborado com algumas ofertas.

A OBRA NACIONAL
DA PASTORAL DOS CIGANOS
DESEJA-LHE
UM NATAL
E O ANO NOVO DE 2018
NA "ESPERANÇA DE JESUS PARA TODOS"
(Papa Francisco)

Editorial**LUZES E SOMBRAS NO MUNDO CIGANO**

O mundo cigano é feito de contrastes: a fidelidade do povo cigano à sua cultura e às suas tradições em contraste com a tendência de homogeneização por parte das sociedades maioritárias; a liberdade com que as crianças ciganas são educadas, em contraste com a formatação dos sistemas escolares que têm que frequentar, etc. Quando chegamos a temas da atualidade e começando pelas sombras, é profundamente triste e revoltante a impunidade, até ao presente, dos racistas da escola do Ku Klux Klan que em Stº Aleixo da Restauração / Moura queimaram casas e carros de ciganos, pintaram ameaças de "morte aos ciganos" nas paredes, incendiaram a sua igreja, colocaram caixões à porta dos ciganos, envenenaram um cavalo e lançaram bombas para os seus quintais, atos todos eles documentados pelo SOS Racismo e denunciados, só porque "não queremos cá os ciganos". Depois, neste país (que já foi) de brandos costumes, supostamente plural e acolhedor, teoricamente cris-

tão - estes atos são violentamente opostos ao cristianismo que os seus autores pretendam professar -, o silêncio e a acomodação são profundamente injustos e revoltantes.

E há os aspetos luminosos que brilham sobre as trevas dos criminosos racistas de Stº Aleixo. Em Viana do Castelo, como se conta neste nº da Caravana, deram-se as mãos para resolver os problemas de uma família apanhada em divergências por dissidências familiares; a história espantosa do P. Zoltan, cigano húngaro, também neste nº da Caravana, a quem, no limite dos seus sofrimentos, uma, ou várias mãos sempre ajudaram a levantar-se e a continuar a caminhar; ou ainda os movimentos apoiados pela UE que ajudam ciganos e ciganas a tomar o futuro nas suas próprias mãos, levam-nos a sonhar com um mundo em que as pessoas se amem sem distinguirem de onde vêm nem que cultura têm, um mundo sem discriminações, sem expulsões, sem violência, um mundo de paz, de concórdia e de respeito pela alteridade de cada um.

Francisco Monteiro

DE MÃOS DADAS NO SECRETARIADO DA PASTORAL DA MOBILIDADE DE VIANA DO CASTELO

A Elisabete é uma linda rapariga de etnia cigana de fino e agradável trato e bastante bem informada. É casada com um rapaz também de etnia cigana mas quase invisual. Têm cinco filhos em comum, todos menores, o mais novito, ainda bebé.

Viviam em Viana do Castelo, num bloco de vários apartamentos habitados por famílias ciganas e não ciganas. Mas incompatibilizaram-se com alguns familiares e quiseram rumar para Paços de Ferreira, onde moravam os sogros da Elisabete.

Esta situação foi dada a conhecer ao Secretariado Diocesano da Mobilidade Humana de Viana do Castelo que tudo fez para resolver o problema, uma vez

nossa ajuda. Só que nós estávamos longe... Este Secretariado entrou em contacto com a OVAC de Espinho, mais propriamente com a D. Maria do Carmo que a foi visitar e encarregou as Conferências Vicentinas mais próximas de lhe dar o apoio necessário. Pela altura do Natal, telefonou-nos a dizer que a sua situação estava péssima pois nem sequer tinha para dar de comer aos seus cinco filhinhos pois não recebia o RSI nem sequer o abono! E perguntamos: por que razão quando uma família se muda, o processo não muda com ela também?

Estava no hospital com o mais pequenito mas nem sequer tinha dinheiro para carregar o telemóvel para



Natal em Viana do Castelo

que era preciso levar os pertences desta família para Paços de Ferreira. A Ana, vogal deste Secretariado, emigrante na Inglaterra, mas sempre atenta aos nossos problemas, logo nos indicou uma empresa que fazia este transporte e que seria pouco oneroso. Com a ajuda do Diretor da Obra Nacional da Pastoral dos Ciganos, Frei Francisco Sales Diniz, reunimos forças e na presença do senhorio, que, diga-se em abono da verdade, foi muito tolerante e compreensivo, lá carregámos tudo sem que houvesse qualquer problema que era o que a Elisabete mais temia. Foram-lhe também entregues roupa de cama e alimentos.

Para não perder os apoios, a Elisabete colocou logo os meninos na escola, mas continuava a pedir a

ligar para o marido para saber do que se estava a passar em casa, uma casa sem nenhuma condições.

Com o apoio de uma senhora voluntária foi possível carregar-lhe o telemóvel.

Ultimamente soubemos que a Elisabete entrou em contacto com uma excelente Assistente Social que a tem ajudado muito e parece que a situação está a ficar normalizada. Esperamos bem que sim pois mais do que os adultos, são as crianças quem mais sofre com estas situações.

Um bem haja a todos que nos ajudaram nesta tarefa.

Secretariado Diocesano da Mobilidade Humana de Viana do Castelo

CORREIO DOS LEITORES

Caros Amigos d' "A Caravana" e da Pastoral dos Ciganos, recebemos o vosso jornal nº 85, que muito agradecemos. Ficamos felizes por ver na primeira página a reprodução do nosso cartaz sobre o 17 de OUTUBRO 2017. Muito obrigada!

Desta vez, pensamos divulgar no nosso portal o "Excerto do artigo na Voz da Verdade - Somos todos pessoas"* (pág. 3 e 4), de que gostamos muito.

Com muita amizade e em nome de toda a equipe do Fórum por um Mundo sem Miséria,
Ana Côte-Real

* entrevista da Dr^a Fernanda Reis.

SECRETARIADO DIOCESANO DE LISBOA CELEBROU 40 ANOS

O Secretariado Diocesano de Lisboa da Pastoral dos Ciganos (SDL) celebrou 40 anos no dia 27 nov, com uma sessão comemorativa da história do SDL e uma exposição sobre a problemática atual das comunidades ciganas nos três conselhos onde o SDL atua: Lisboa, Loures e Amadora. A sessão teve lugar no salão nobre da Academia Portuguesa de História, tendo presidido a sua Presidente que é também Presidente do SDL a Professora Doutora Manuela Mendonça (MM), tendo o Bispo Auxiliar de Lisboa D. Joaquim Mendes assistido à sessão. A anterior Presidente do SDL que é a sua fundadora Dr^a Fernanda Reis assegurou a descrição histórica na qual foi referido que o SDL nasceu em 1974 no seio da ONPC que tinha

sido criada em 1972. MM salientou o princípio que orienta a ação do SDL e que é ajudar a crescer e descreveu o levantamento feito pelo SDL em 2016, nos sete bairros em que o SDL atua, a 362 famílias ciganas, 1519 pessoas, 56% das quais são jovens até aos 18 anos. Esta população vive do RSI, de pensões, da venda ambulante e, numa pequena percentagem, do trabalho dependente. O estudo realçou ainda o abandono escolar que se verifica entre os 16 e os 18 anos. Do diálogo que se seguiu com as entidades e outros participantes presentes foram realçadas a necessidade do trabalho com as famílias e as vantagens dos mediadores escolares.



O Secretariado Diocesano de Lisboa da ONPC deseja Feliz Natal e tem a honra de convidar para a Festa de Natal das crianças e jovens dos Centros:



Que se realizará no dia 21/12/2017 no Auditório da ESE Artur Ravara (Av. D. João II Lote 4.69-01, Parque das Nações)

SECRETARIADO
DIOCESANO DE LISBOA
DA ONPC

Festa de Natal

CONVITE



21 DEZEMBRO DE 2017
14H30

PROGRAMA



Abertura: Tambores e capoeira em festa

1. Majari - CATL: Dança Cigana
2. Chaborrilho : Peça musical_ "Os presentes de Jesus "
3. Majari - Pré : Dança_ "Ajuda-me a amar "
4. Siruga: Dança Cigana
5. Mestipen : Peça_ "Os enfeites de Natal "
6. Panioli : Peça musical: "Danças do Mundo"

INTERVALO

7. Olipandó: Peça de teatro_ "Presépio de Natal"
8. Siruga : Peça de teatro_ "Os anjinhos generosos"
9. Verdine : Peça de teatro_ "Era uma vez o Natal"
10. Majari - CATL: Dança de Natal_ "I Love Christmas"

Grupo Coral



NOTÍCIAS DA EUROPA

FRA (inFRA 27 nov - 4 dez)

“A FRA participou no 1º Congresso de Feminismo Cigano em Madrid, de 17 a 18 nov (ver notícia neste nº). Participaram no Congresso mulheres e homens ciganos de diversas partes de Espanha e foi organizado por uma organização de jovens feministas ciganas com o apoio do Conselho da Cidade de Madrid, da Open Society e da FRA. Como parte do seu LERI (Projeto de Empenhamento Local pela Inclusão Cigana), a FRA apoiou a preparação do Congresso e reuniões prévias com mulheres ciganas em diversas cidades de Espanha.”

FRA (inFRA 13-20 nov) / Conselho da Europa

Na 6ª Conferência Internacional sobre as Mulheres Ciganas (CIMC) que teve lugar no Conselho da Europa de 6 a 7 nov, a FRA (Agência Europeia para os Direitos Fundamentais) apresentou uma série de resultados da investigação que levou a cabo, sobre o persistente fosso de género e exemplos de capacitação de mulheres ciganas conseguida no projeto LERI da FRA. A 6ª CIMC teve como tema “A representação política das mulheres: o caso das mulheres ciganas” e terminou com um compromisso sobre a representação política das mulheres ciganas.

Tendo em consideração que:

– apesar do progresso que se está a verificar na Europa relativamente à melhoria da igualdade de oportunidades e dos direitos das mulheres e homens, o Conselho da Europa verifica um persistente baixo nível de participação das mulheres nos processos de tomada de decisões e na vida política;

– mulheres das minorias étnicas e mulheres Ciganas em particular, continuam gravemente sub-representadas nos parlamentos nacionais e regionais Europeus, nos conselhos regionais e municipais, nos governos e nos lugares de responsabilidade nos partidos políticos;

– **considerando** que uma participação equilibrada de mulheres e homens na tomada de decisões é uma condição prévia para melhorar o funcionamento da democracia e da sociedade;

– que a atual sub-representação de mulheres na tomada de decisões políticas reflete um défice democrático de base tanto nos Estados Membros como

no Conselho da Europa e no contexto internacional mais vasto;

– os sistemas eleitorais e dos partidos nacionais têm uma responsabilidade importante para assegurar uma representação equilibrada de mulheres, a todos os níveis do governo e do parlamento;

– as quotas eleitorais são frequentemente um meio efetivo para se alcançar um progresso significativo e rápido, desde que sejam corretamente concebidas e implementadas com consistência;

– as quotas deveriam ser adaptadas ao sistema eleitoral predominante e traçar metas ambiciosas, embora realistas e, sempre que possível, tais quotas e outras medidas positivas deveriam ser também introduzidas para mulheres de grupos minoritários, incluindo os Ciganos;

– os partidos políticos têm um papel crucial a desempenhar na melhoria da representação política das

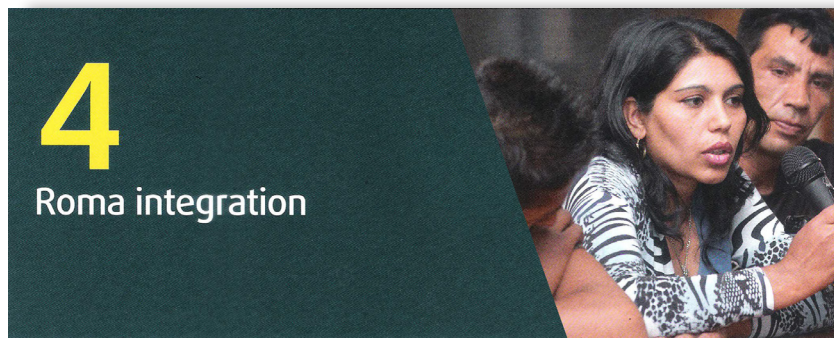
mulheres em geral e das mulheres dos grupos minoritários em particular, incluindo as mulheres Ciganas, já que, ao selecionarem e apoiarem os candidatos, eles atuam como porta

de entrada para as posições eleitas e as suas escolhas vão determinar, em grande parte, o resultado final das eleições no que respeita ao equilíbrio do género e à representação minoritária;

Nós, membros dos partidos políticos, comprometemo-nos a promover a igualdade de género e a participação de mulheres dos grupos minoritários, particularmente das mulheres Ciganas, nas instâncias de tomada de decisões e na representação política nas próximas eleições Europeias, nacionais, regionais e locais.

FRA (inFRA 30 out – 6 nov)

Em 17 out a FRA apresentou factos e recomendações relativas ao anticiganismo durante um debate no Parlamento Europeu. A Eurodeputada cigana Soraya Post sublinhou a importância do trabalho da FRA ao lidar com o anticiganismo.



MANIFESTO DO FEMINISMO ROMANI

As mulheres ciganas feministas de toda a Europa e da América reuniram-se no primeiro Congresso do Feminismo Cigano realizado em Madrid, de 17 a 18 de novembro de 2017, e organizado pela Associação de Ciganas Feministas pela Diversidade (AGFD), um grupo de ciganas ativistas comprometidas com a luta pela emancipação das mulheres e da comunidade cigana.

“Desde o primeiro Congresso Internacional Cigano, em Londres, em 1971, as Nações Unidas reconheceram a bandeira cigana, simbolizada pelo azul do céu e pelo verde dos campos, como símbolo da nossa identidade transnacional. Ao redor desta bandeira erguemos a nossa voz para reivindicar que as ciganas feministas somos construtoras da paz, sonhamos com uma sociedade intercultural baseada no respeito e na dignidade... A nossa meta é contribuir para consolidar pontes entre culturas pelas quais circulem o conhecimento mútuo, o reconhecimento da diferença e a justiça social.

Aspiramos a criar um novo mundo sem patriarcado, no qual a libertação das mulheres ciganas, negras, muçulmanas, árabes, de todos os recantos da terra, de todas as cores e religiões, e todas as identificadas com alguma raça, possam desenvolver plenamente os seus direitos como mulheres e cidadãs. Sonhamos com uma sociedade sem muralhas raciais, com um mundo de respeito e conhecimento da diversidade cultural, e unimos as nossas mãos para trabalhar juntas por uma sociedade onde nunca mais volte a existir sofrimento e dor por se ser diferente, por se ser distinta, por se ser cigana.

Manifestamos a nossa mais profunda indignação e repulsa perante a situação de racismo institucional que sofremos as ciganas e os ciganos do mundo: submetidas ao apartheid, à pobreza, à segregação, à exclusão laboral e educativa, à sub-habitação nas degradantes barracas, à

opressão de uma sociedade profundamente racista e, excludora, que nega os direitos básicos de cidadania, que atenta de forma continuada, sistemática e estrutural contra os nossos direitos civis e sociais como cidadãs espanholas e europeias.

Levantamos a nossa voz como cidadãs contra as instituições, administrações e organizações que perpetuam um modelo racista e colonialista, de subordinação e colonização sobre os nossos corpos e identidades. Rebelamos e denunciemos as redes de clientelas que amparam, sustêm e perpetuam sistemas de domínio e opressão para obter lucros da pobreza e da miséria do nosso povo. O nosso feminismo é um feminismo pela emancipação das

mulheres e pela emancipação do nosso povo, em que os homens participam ativamente. Orgulhamo-nos de contar entre as nossas fileiras, ciganas feministas que partilham os nossos sonhos e desejos, que nos acompanham na luta pelos nossos direitos. A partir deste momento histórico, as mulheres ciganas feministas não mais somos

invisíveis, o nosso pensamento e a nossa cosmovisão é imparável. A nossa capacidade de resistência supera com vantagem todos os mecanismos de opressão que nos subjugam. Podem-nos roubar o nosso direito à educação, a uma habitação digna, o nosso direito à justiça e a um trabalho digno, mas não nos podem roubar a nossa autoestima, o nosso valor e a nossa dignidade. Podem manipular as ciganas e os ciganos mais vulneráveis e dependentes. Podem inventar novas estratégias de contra-revolução, a partir dos círculos do poder, mas não poderão silenciar as vozes potentes, fortes, límpidas que nunca deixarão de denunciar o racismo institucional que estas práticas implicam. Agora como sempre, resistiremos. OPRE ROMNIA (para a frente mulheres ciganas!)



ROMED2

Newsletter da Câmara Municipal de Torres Vedras (7 mar 17)

“O ROMED2 é um programa promovido pelo Conselho da Europa e União Europeia, que tem como objetivo assegurar a equidade da mediação entre as comunidades ciganas e as instituições, promovendo a mudança através da participação democrática da população.

Este projeto utiliza princípios de boa governação e exige a organização da comunidade como meio de desencadear um processo que seja sustentável e justo para

todos.

Para além da formação de um facilitador cigano e da criação de um grupo de ação comunitária (GAC – formado por cidadãos ciganos Torrienses), o Município de Torres Vedras tem vindo a colaborar nas propostas apresentadas pelo GAC, bem como a encetar esforços no sentido de dinamizar ações (in)formativas, procurando criar contextos de partilha que conduzam à melhoria das relações entre as comunidades ciganas e a sociedade maioritária.”

DIVERSOS

Público – internet (7 dez)

PS discute se aceita ou rejeita 200 militantes de etnia cigana

Direção do partido só vai tomar uma posição depois das distritais de Aveiro e Coimbra se pronunciarem

Margarida Gomes

Em finais de outubro mais de duas centenas de pessoas de etnia cigana, ligadas à Associação Social, Recreativa e Cultural Cigana de Águeda (ASRCCA), no distrito de Aveiro, decidiram inscrever-se no PS. Reuniram toda a documentação necessária para serem aceites como militantes do PS, “mas ainda não conseguiram porque na sede nacional foram apontadas falhas ao processo, relacionadas com a secção do partido escolhida pelos candidatos a militantes.

A apoiar esta filiação está um grupo de militantes que tem mantido contactos com a ASRCCA. A primeira abordagem passou por sensibilizar a associação a fazer parte do programa Portugal 2020 para os seus elementos, uma vez que muitos deles têm baixos níveis de escolaridade”. E as salas onde antes se treinava boxe, foram transformadas em espaços de estudo e aprendizagem. O passo seguinte foi sensibilizá-los para se inscreverem num partido. A dirigente nacional do PS, Cristina Martins, “tem sido uma das interlocutoras do processo e desafiou o presidente do ARSCCA a filiar-se no partido, no qual, acredita, ‘a comunidade cigana acabará por ter voz’”.

“Questionei as pessoas no sentido de perceber se eram recetivas à ideia de ingressarem num partido político e elas mostraram-se recetivas”, conta a professora de matemática. Os partidos não são empresas privadas, têm de ter espaço para as minorias e a comunidade cigana faz parte dessas minorias” defende a docente que foi eleita no último congresso do PS para a Comissão Nacional, na lista alternativa de Daniel Adrião.

As mais de 200 fichas de pessoas ligadas à ASRCCA foram entregues em mão na sede do PS, em Lisboa. O processo foi acompanhado pelo coordenador da secção temática de Defesa, Segurança e Soberania do PS, Jorge Napoleão (JN), que entende que qualquer pessoa que queira ser militante do PS pode inscrever-se em qualquer secção, seja de residência, seja sectorial, como é o caso da secção temática Defesa, Segurança e Soberania.” JN “estranha que a direção nacional esteja a levan-

tar reservas a estas inscrições. ‘Os partidos têm que ser inclusivos’, diz.

Outra fonte socialista reforça esta tese, precisando que a ‘única altura em que as pessoas têm que escolher (em que secção querem ficar: se na de residência, se na temática) é na fase de elaboração dos cadernos eleitorais para que os seus nomes não constem em dois cadernos.’ ‘Nunca vi o partido levantar nenhum impedimento pelo facto de as pessoas entrarem no PS através de secções temáticas, independentemente do seu local de residência’”.

Já o responsável pelo gabinete de organização e dados do PS, João Pires, afirma “que os estatutos não permitem que os candidatos se filiem através de secções temáticas, porque não têm autonomia para o fazer. Por essa razão, revela, os processos foram todos remetidos

para as estruturas locais de Aveiro e de Coimbra (de onde são oriundos os proponentes), que farão uma primeira análise da situação. Feita essa avaliação, os processos regressam à sede nacional para decisão final”.

Público – internet (2 ago)

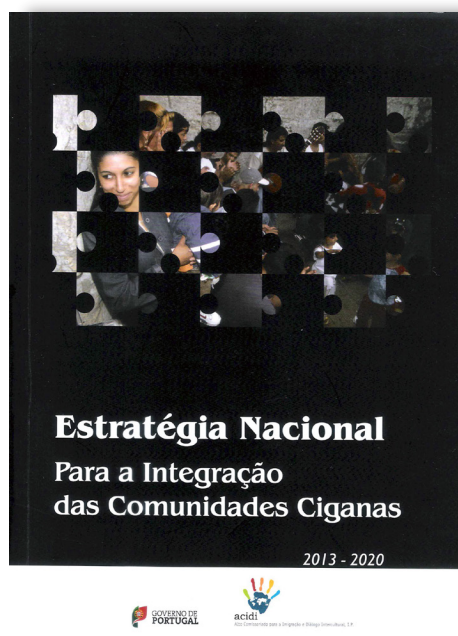
Governo vai rever estratégia para a integração das comunidades ciganas

Vão ser contratados a partir de setembro 50 mediadores ciganos para facilitar e consolidar a ligação entre comunidades e serviços públicos

A ENICC (Estratégia Nacional para a Integração das Comunidades Ciganas), aprovada em 2013, “vai ser revista”, referiu a Secretária de Estado para a Cidadania e a Igualdade, Catarina Marcelino (CM), designadamente através da contratação de mais mediadores, bolsas para estudantes no ensino superior e criação de empregos.

A ENICC “que devia vigorar até 2020, vai sofrer alterações porque as propostas avançadas em 2013 vieram a revelar-se ‘pouco eficazes’, explicou CM”. A decisão surge na sequência de uma reunião no dia 27 de julho, com sete organizações representativas das comunidades ciganas portuguesas. A revisão da ENICC “é para estar concluída em 2018”. CM frisou que julga “que pela primeira vez um Ministro e uma Secretária de Estado receberam e reuniram com representantes das comunidades ciganas”.

“Habitação, emprego, educação e combate à discriminação são os elementos estruturantes da nova estratégia para uma comunidade que está muito pouco



(Continua na pág. 7)

OS CIGANOS DÃO TESTEMUNHO

Do nº de dezembro de 2017 da revista *Nevi Yag* (que significa “fogo novo” em Romani - órgão do CCIT - Comité Católico Internacional para os Ciganos) reproduzimos uma entrevista que Gabor Gyorgyovich (GG), da direção do CCIT, fez ao P. Orsos Zoltan (OZ), cigano húngaro; a entrevista decorreu na paróquia de OZ, na Hungria).

GG: de onde vieste e de que condições de vida?

OZ: nasci numa cabana cigana em Lovászi. Tinha seis anos quando, com os meus irmãos, fomos separados da nossa família por causa das condições de vida deploráveis. Na nossa família sofremos muitas privações, fome. O meu pai foi preso por diversas vezes por roubo de alimentos. Na escola não tínhamos motivação, tínhamos sido educados numa liberdade completa. Em casa não tínhamos sequer um espaço vital atribuído às crianças. Quando tínhamos muitas visitas, para nós, as crianças, não sobrava onde dormir. Nem sequer se punha a questão de ir à escola no dia seguinte. Muitas vezes entrávamos em pânico ao ver o nosso pai que tinha “molhado a garganta”. Eu tinha inveja da felicidade familiar dos meus companheiros não ciganos que tinham preconceitos relativamente a mim e aos meus irmãos. Eles ignoravam a minha experiência, por uma parte, por causa da atmosfera da nossa família e por outra, por causa dos seus preconceitos. O meu desejo mais profundo era sair deste mundo fechado, mas o medo, a fome, a incerteza, a falta de motivação e de afeto, esfumaram todas as minhas esperanças. Estes sentimentos de mal estar desa-



pareceram quando me encontrei em Balatonberény, em casa dos meus pais adotivos.

GG: os anos de adolescência trouxeram-te algum alívio? Esses anos ficaram marcados por que alegrias e desgostos? Havia alguém que acreditava em ti?

OZ: As minhas primeiras experiências foram bastante desencorajadoras. Eu pensei que com esta “mudança” as coisas iriam mudar, porque a grande

maioria da população local era cigana, mas enganei-me. Os meus companheiros constataram que eu queria aprender a sério e esta constatação despertou a sua aversão. Os não Ciganos tinham medo de mim e consideraram-me como um jovem antipático e os Ciganos não compreenderam as minhas intenções. No liceu, durante um tempo, eu era o único Cigano. Se houvesse um roubo, imediatamente mostravam desconfiança relativamente a mim. Muitas vezes fui apanhado num fogo cruzado. O problema era que as pessoas não me conheciam. Os primeiros acontecimentos positivos vieram dos meus companheiros de

internato. Esses conheceram-me verdadeiramente bem, e rodearam-me com o seu afeto e apoio. Contra as insinuações pude sempre contar com a sua ajuda. Devo-lhes muito. Graças a eles eu pude sentir que eles tinham confiança e que contavam comigo. No decurso dos anos que passei no liceu, muitas das minhas feridas mentais sararam. Terminei os meus estudos com excelentes notas.

(Continua na pág. 8)

CIGANOS SÃO NOTÍCIA

(Continuação da pág. 6)

integrada”, afirma CM. O Governo vai avançar com a atribuição de bolsas de estudo a estudantes ciganos no ensino superior. CM adiantou que “já apoiámos 25 jovens que o Alto-Comissário para as Migrações (ACM) está a acompanhar”. E a partir de setembro serão contratados “50 mediadores ciganos com dinheiros comunitários”, já que, afirma CM, ter elementos desta etnia a desempenhar este tipo de funções é uma necessidade “prioritária”. “A ligação entre municípios, escola e comunidade é mais eficaz se for feita por mediadores ciganos, sobretudo quando ‘o caminho é a educação para atenuar a discriminação e aproximar os ciganos da comunidade maioritária. A criação de emprego é outra das propostas que o Governo pretende concretizar, recorrendo a uma linha de financiamento com recurso a fundos comunitários. ‘Queremos acabar com o estereó-

tipo de que os ciganos ‘não querem trabalhar’”.

A experiência para a aplicação de algumas das medidas contempladas na revisão da ENICC tem sido recolhida junto de entidades espanholas, nomeadamente a Fundação Secretariado Gitano. ‘Queremos combater a desconfiança aproveitando os ensinamentos já alcançados com experiências semelhantes em Espanha’, diz CM.

Apesar dos fracos progressos alcançados até hoje, para aproximar as comunidades ciganas e não ciganas, os resultados mais promissores salientam-se na área da saúde, nas campanhas de vacinação e no acompanhamento aos cuidados perinatais. Na educação, houve uma progressiva afluência às creches e jardins de infância. A percentagem de analfabetos permanece acima dos 50%”.

(Continuação da pág. 7)

GG: como nasceu a tua vocação, através de que etapas chegaste ao sacerdócio?

OZ: Foram os meus pais adotivos que me levaram à igreja. A primeira missa à qual assisti com sentimentos variados, foi uma decepção para mim. Tinha a impressão que toda a gente olhava para mim e tudo isso me parecia estrangeiro. A primeira coisa que chamou a minha atenção foi o Evangelho. Nunca na minha vida tinha ouvido um ensinamento como aquele. Era um sentimento inquietante, eu poderia dizer que uma voz interna me disse: “aproxima-te para eu te poder ver!”

Eu estava no fundo da igreja, mas senti um impulso para ir para a frente. Depois da missa, perguntei ao sacristão para poder ocupar a primeira fila. Ele fez-me um sorriso encantador e disse-me: “ajuda à missa!” Assim aconteceu que em breve me encontrei entre as crianças do coro. Pouco tempo depois, domingo após domingo, escutei com admiração as homilias do nosso pároco, e este pensamento ousado não me largava: será possível

que também eu me possa dedicar a esta vocação? Se olho para trás para a minha infância, vejo que Deus sempre

velou por mim e me conduziu e me chamou a ser o seu “mensageiro”. O meu caminho para a fé foi a direita, foi cheio de sofrimentos. Enfim, foi o Evangelho que mudou a minha vida. Descobri a sua força determinante para curar a vida humana. Se podia mudar a minha vida, também podia fazê-lo com as vidas dos outros. Foi por isso que escolhi como lema as palavras de S. Paulo: “*Tornei-me ministro da Igreja pelo ministério que Deus me confiou: realizar junto de vós a vinda da Palavra de Deus.*”

GG: resumindo as tuas experiências de 14 anos de sacerdócio, como é que vês a situação dos Ciganos húngaros?

OZ: Não é tão desesperante como se pensa, em geral. De resto, partilhando a opinião do P. Géza Dül, entre nós, trata-se mais de uma questão de miséria do que de uma questão cigana. Para mim, a pastoral não se limita a “ocupar-se dos Ciganos”, mas ela significa a sensibilização da sociedade maioritária para ser mais acolhedora, e, ao mesmo tempo, a procura de uma melhor compreensão e colaboração por parte dos Ciganos. A qualidade da relação deixa muito a desejar entre as duas populações. Na minha opinião, a eficácia da pastoral depende mais dos Gadgê: sem eles, a nossa atividade ficará sem resultados. Eu vim para o meio dos meus paroquianos com um coração aberto e desinteressado, mas, frequentemente, muitos entre eles me consideram um “instrumento”. A minha

popularidade, relativamente elevada, que alcancei nos anos que passei nos media, não quero utilizá-la de outro modo que não seja um instrumento de evangelização. Eu tenho convites, um pouco de todas as partes, e também eu próprio vou ver frequentemente os meus paroquianos. Efetuando visitas paralelas às famílias, constatei que os Ciganos me acompanharam para todo o lado, ao passo que junto dos Gadgê encontrei indiferença. Visitei diversas paróquias e, segundo o que vi e ouvi, penso que a nossa Igreja vive tempos revolucionários. O desafio é a catolicidade que não existe sem os Ciganos. Apesar dos problemas para assumir a sua identidade e a perda das suas raízes, a capacidade dos Ciganos não oferece qualquer dúvida, o Espírito Santo sopra também neles. Nós devemos explicar-lhes que Cristo não veio para os controlar. A nós cabe-nos apresentar a imagem de Cristo que habita neles.

Atualmente há um grande problema: a assimilação e a luta quotidiana pela sobrevivência ocupam um lugar

prioritário acima de todas as outras coisas. Cito a observação que ouvi em qualquer lado:

“tu estás tão bem que tu não és mais Cigano”. Na pastoral, encontro por vezes uma certa aversão, da parte dos bispos e padres. Pela minha parte, tento fazer com que se consciencializem para que não se pode esperar a mudança, a não ser pela escolaridade, pelo trabalho e pelo coração. Eu consegui formar uma comunidade ativa e um conjunto musical. Na administração, posso contar com jovens da paróquia. Em setembro, vai ser lançado um curso com o fim de formar colaboradores da pastoral. O que nos falta ainda: uma casa comunitária, um colégio para crianças com talento e, antes de mais, “homens ponte” que possam servir de “modelos” para os outros. ..



FICHA TÉCNICA

a caravana

Director: P. Frei Francisco Sales Diniz, O.F.M.

Propriedade e Editor: Obra Nacional da Pastoral dos Ciganos

QUINTA DO BOM PASTOR, EST. DA BURACA, 8/12, 1549-025 LISBOA

TEL. 21 885 5468 - FAX 21 584 9514

Contribuinte N.º 501660054

Email: pastoralciganos@ecclesia.pt Internet: www.ecclesia.pt/pnciganos

Periodicidade: Trimestral

Tiragem: 900 exs.

Paginação: Paulo Nunes - Tlm. 934207548

Impressão: OCPM

Isento de registo na ERC ao abrigo do alº a) do nº 1 do artº 12 do D.R. 8/99 de 9/6, com as alterações introduzidas pelo D.R. 2/09 de 27/01.